

RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DE UMA ATIVIDADE DE SEMINÁRIO DIDÁTICO SOBRE A CATEGORIA MULHER

:

Pedro Fernandes Caper Piassa

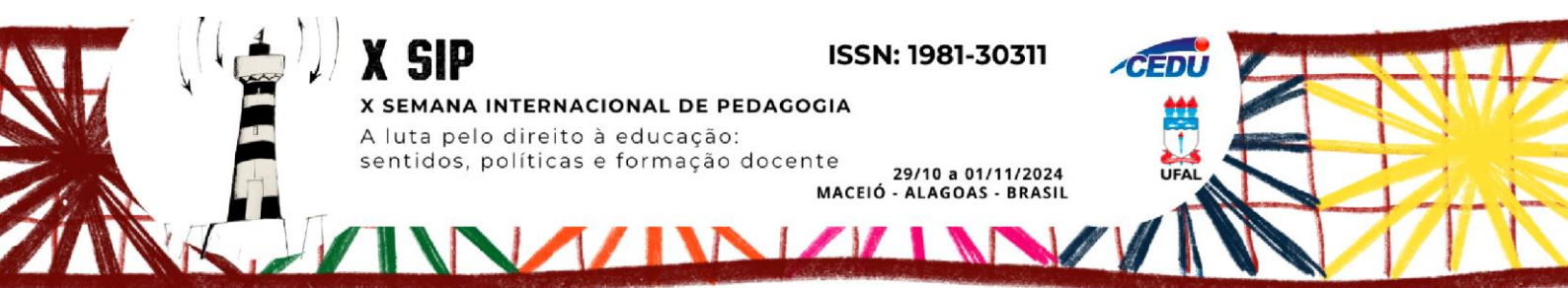
UEL

pedro.fernandes0@uel.br

1 INTRODUÇÃO

Este texto, com a temática do Eixo 4 - “Educação, corpos, gêneros e sexualidades”, foi elaborado a partir de um seminário apresentado à disciplina de Antropologia do primeiro ano do curso de Psicologia da Universidade Estadual de Londrina - UEL, situada no Norte do Paraná. Trata-se, portanto, de uma produção com caráter de relato de experiência, motivada a partir da preparação e apresentação de uma atividade de seminário, cuja tarefa era expor e discutir o texto “Re-criando a (categoria) mulher” de Adriana Gracia Piscitelli (2011). A experiência narrada refere-se à parte introdutória deste seminário que se utilizou da técnica de “Brainstorming”. Segundo Severino (1993) são objetivos do seminário aprofundar as reflexões sobre um tema ou problema, analisar de forma mais rigorosa e radical um texto, tema ou pesquisa, possibilitar a leitura com a perspectiva de julgamento e de crítica, e discutir a problemática presente explícita ou implícita do texto. O autor ainda explica que a depender do objetivo, o seminário como estratégia pode abrir ainda mais o número de possibilidades. Em relação à técnica de *brainstorming*, de acordo com Masetto (2003) corresponde a uma técnica didática que possibilita o desenvolvimento da criatividade e a formulação de uma grande quantidade de ideias em um curto espaço de tempo. Nessa técnica, um tema ou questão é apresentada para os estudantes e é solicitado que os mesmos verbalizem o que entendem sobre ele, sem a preocupação com o certo ou errado, ou seja, com plena liberdade.

Sintetizando o texto de Piscitelli, tem-se que o objetivo é: “refletir sobre a recriação da categoria “mulher” nas discussões contemporâneas, considerando que há um vaivém que perpassa por tensões que só podem ser compreendidas levando em conta a íntima relação entre as discussões feministas e o desenvolvimento do conceito de



gênero. A autora inicia seu texto com um breve percurso pelo pensamento feminista desenvolvido a partir de finais da década de 1960, prestando atenção aos seus pressupostos e aos principais conceitos por ele desenvolvidos. Em seguida, a autora mostra como o conceito de gênero foi criado no marco desses pressupostos. A partir de uma pesquisa de natureza bibliográfica, tendo como principal referência, dentre muitas outras, as obras de Judith Butler, a autora conclui que o conceito de gênero formulado pela teoria social nas últimas décadas cria conflitos na medida em que não satisfaz os interesses feministas em termos de políticas públicas, mas é a forma que, por enquanto, tem sido adotada pela teorização da categoria mulher.

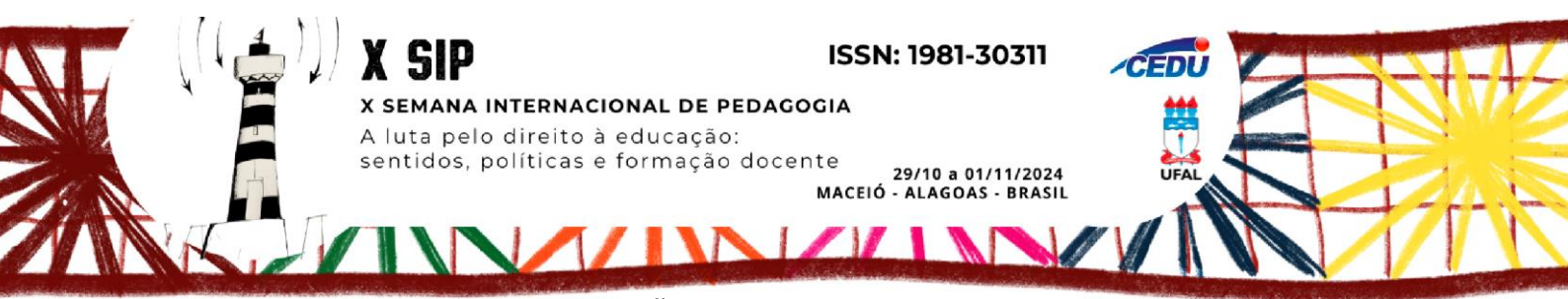
2 OBJETIVOS

Considerando esta síntese inicial do conteúdo, o texto tem por objetivo geral discutir a categoria “mulher” a partir do relato de uma experiência de um seminário didático feito em uma disciplina de graduação.

Especificamente, aborda a categoria mulher como construção histórica que se dá a partir da teorização e das políticas sociais voltadas às mulheres.

3 METODOLOGIA

Este relato de experiência foi elaborado a partir da apresentação de um seminário. Trata-se, especificamente, da introdução desse seminário que foi realizado na disciplina de Antropologia do curso de graduação em Psicologia. Portanto, narro a experiência didática no que diz respeito à forma, no caso a aplicação da técnica de *brainstorming* e dou maior enfoque no conteúdo relativo à categoria mulher a partir de uma pesquisa de caráter bibliográfico baseada principalmente nos textos de Piscitelli (2011) e Butler (2022).



4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

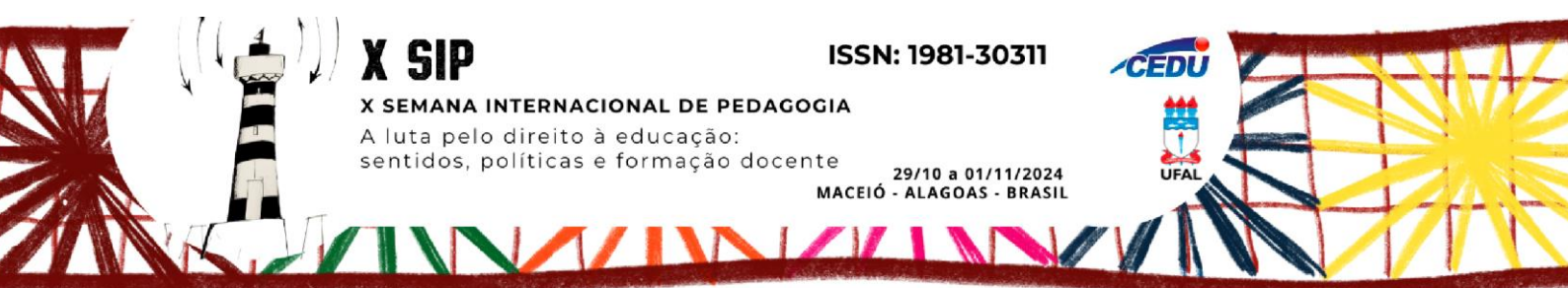
Como forma de introdução utilizei um brainstorming, apresentando três frases escritas por mulheres e que poderiam ilustrar o texto do seminário já citado neste resumo expandido e solicitei que relatassem os primeiros pensamentos que estas frases provocavam. A seleção das frases teve como critério ilustrar as fases históricas dos estudos feministas que foram trazidos por Piscitelli em seu texto. E também mobilizar minhas próprias reflexões. No entanto, os textos não foram apresentados em ordem cronológica dos estudos, justamente para ver os saberes prévios da turma sobre o assunto.

Assim, a primeira corresponde ao pensamento feminista da segunda metade do século XX. É de Clarice Lispector: “Talvez a divindade das mulheres não fosse específica, estivesse apenas no fato de existirem. Sim, sim, aí estava a verdade: elas existiam mais do que os outros, eram o símbolo da coisa na própria coisa. (...) Mulher nasce mulher desde o primeiro vagido”. (Lispector, 1998, p. 141).

Sintetizando o posicionamento da turma, expressaram que era “errado” considerar a ideia de que mulher nasce mulher, designada pela biologia ou por uma ideia universal. Piscitelli (2011) e a própria Lispector argumentam que mulher é uma construção social, dotada, porém, de subjetividade e singularidade, ou seja, cada mulher é uma, mas se identificam enquanto categoria, uma vez que historicamente a sociedade construiu papéis, estereótipos, expectativas para as mulheres que se diferem em cada grupo social, mas que em grande parte do mundo tem em comum o lidar com a condição de opressão. A teorização em torno da mulher por muito tempo tomou o conceito em sua forma essencialista, Piscitelli afirma que

Refiro-me a descompassos pensando que as “políticas de coalizão” já eram implementadas vinte anos atrás, quando a teorização se centrava numa ideia essencialista e identitária de mulher e numa concepção monolítica de opressão e não em referenciais pós-estruturalistas. Piscitelli (2011, p. 22)

Assim, a primeira conclusão é de que não dá para estudar a categoria mulher sem compreendê-la como múltiplo, de muitas identidades, localizadas no tempo e no espaço.



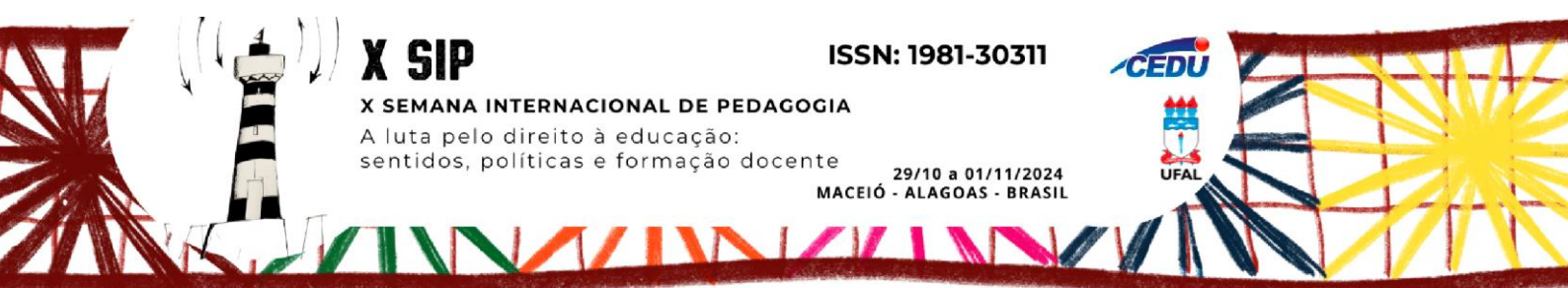
A segunda questão corresponde a um dos movimentos feministas do início do século XX, o feminismo radical, e é da série televisiva Fleabag (Two Brothers Picture, 2016, Temp. 2 Ep.3), dita pela personagem “Belinda”: Todo o seu assoalho pélvico se desintegra. E sim, você morre de tesão e ninguém tá nem aí, mas aí... Você está livre. Não é mais uma escrava. Não é mais uma máquina. É apenas uma pessoa fazendo negócios. ”

Após a apresentação de um trecho do episódio onde há um diálogo entre a personagem principal e Belinda, peço para focar na frase acima e pergunto-lhes, novamente, quais seriam suas reflexões sobre o que seria ser mulher para Belinda e como se posicionam em relação a isso. Foi dito que, para Belinda, mulher seria sinônimo de sofrimento e uma identidade que se forma através de suas experiências. Para Belinda, as funções biológicas são responsáveis pela disparidade entre mulheres e homens, na qual mulheres sofrem dores internas produzidas por sua fisiologia e, também, sempre sendo vistas como “mães em potencial”. Nesse sentido, Piscitelli (2011) discute sobre a visão da categoria mulher do ponto de vista do feminismo radical: “a “condição” compartilhada pelas mulheres - e da qual se deriva a identidade entre elas - está ancorada na biologia e na opressão por parte de uma cultura masculina. O corpo aparece, assim, como o centro de onde emana e para onde convergem opressão sexual e desigualdade” E

Shulamith Firestone, uma das principais pensadoras desta corrente, afirma no livro ‘A dialética do sexo’ que as origens da subordinação feminina estão visivelmente localizadas no processo reprodutivo. Segundo essa autora, os papéis desempenhados por homens e mulheres na reprodução da espécie são fatores fundamentais de onde derivam as características que tornam possível a dominação que os homens exercem sobre as mulheres. (Piscitelli 2011, p. 3 e 4)

O terceiro texto é de Judith Butler e corresponde a discussões mais atuais e foi apresentado com a questão: Dê exemplos de situações do seu cotidiano que se relacionam com o texto:

Se o gênero é uma espécie de fazer, uma atividade incessante que performamos, parcialmente não-consciente e involuntária, isso não significa que é algo mecânico ou automático. Pelo contrário, trata-se de uma prática do improviso no interior de uma cena de constrangimento. Além disso, não ‘fazemos’ o gênero a sós. Estamos



sempre 'fazendo' com e para alguém, mesmo quando esse outro é imaginário. (Butler, 2022, p. 11-12)

A turma não compreendeu a subjetividade que envolvia a questão e não conseguiram interpretar a ideia de que o gênero é uma construção social que internalizamos, ou como afirma Simone de Beauvoir (1949) “ não se nasce mulher, torna-se mulher”. A experiência de construção do gênero está relacionada com a sexualidade, mas não é determinada por ela. Enquanto categoria seja política, social ou epistêmica se dá na experiência com o outro em um contexto específico. Assim Piscitelli afirma:

(...) trata-se de uma ideia de mulher que, atenta à historicidade, não tem um sentido definido. Isto é, seu sentido não é encontrado através da elucidação de uma característica específica, mas através da elaboração de uma complexa rede de características que não podem ser pressupostas, mas descobertas. Algumas dessas características exerceriam um papel dominante dentro dessa rede por longos períodos de tempo, em certos contextos -- o que não quer dizer que possam ser universalizadas. (Piscitelli, 2011, p. 20)

Mesmo não compreendendo bem o enunciado apresentado, a turma demonstrou conceber a categoria mulher como sendo diversificada, plural, produzida culturalmente no contexto do espaço e do tempo em que se apresenta.

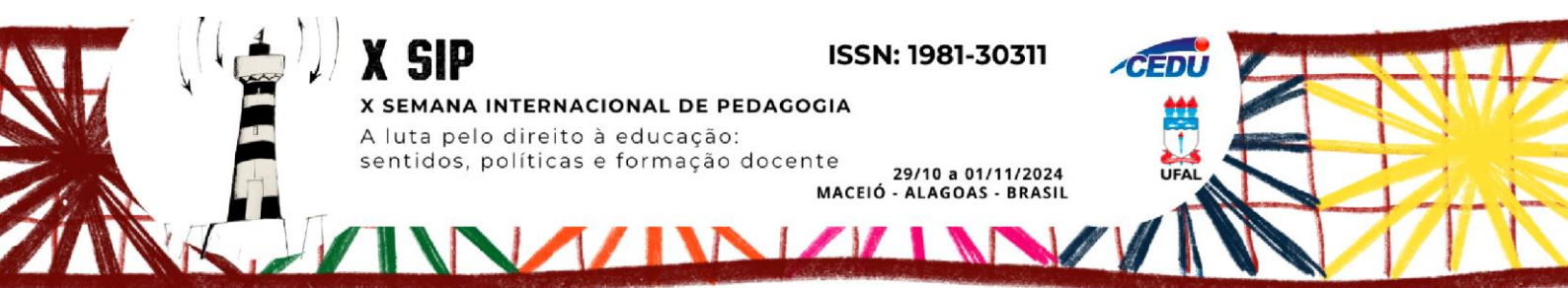
A partir dessa introdução, o seminário foi apresentado trazendo as ideias centrais do texto de Piscitelli e a turma se mostrou aberta a ouvir e se sentiu convidada a debater os aspectos apresentados pela autora.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considero que este relato de experiência possibilitou duas grandes aprendizagens: uma relacionada à forma, ou seja, o seminário como atividade acadêmica e outra relacionada ao conteúdo, ou seja, a discussão da mulher como categoria.

Em relação ao seminário, o uso da técnica de *brainstorming* possibilitou que a turma criasse uma predisposição a entender o conteúdo do texto de Piscitelli (2011) e uma maior aderência a ouvir e participar da apresentação do seminário.

Em relação à discussão sobre a categoria mulher, há foco nas diferenças entre a prática política e a teoria feminista, em seus posicionamentos e ações, porém



possuindo objetivo comum e compreendendo a fundação de sua opressão histórica. A mulher ao ser colocada como “categoria”, possibilita entender a origem dessa opressão priorizando o ponto de vista do grupo oprimido, a mulher. Também possibilitando entender a diversidade do gênero mulher e como essa diversidade se transforma no espaço e tempo, sendo dotado de subjetividade, mas mantendo-se como grupo identitário.

REFERÊNCIAS

MASSETO, Marcos Tarciso. **Competências Pedagógicas do Professor Universitário**. São Paulo: Summus, 2003.

TEMPORADA 2, ep. 3. **Fleabag** [Seriado]. Direção: Phoebe Waller-Bridge. Produção: Harry Bradbeer. Reino Unido: Produtora Two Brothers Picture, 2013. 1 DVD (22 min.), son., color.

LISPECTOR, Clarice. **Perto do coração selvagem**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

BUTLER, Judith. **Desfazendo gênero**. Traduzido por: Aléxis Abretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Nathen Teixeira, Petra Bastone e Victor Galdino - São Paulo: Editora Unesp 2022.

BEAUVOIR, S. DE. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1949.

Piscitelli, Adriana Gracia. Re-criando a (categoria) mulher? In: **Cultura e Gênero** (blog). Disponível em:

<https://www.culturaegenero.com.br/download/praticafeminina.pdf> Acesso em 11 junho 2024